

Manifesto da Rede de Resistência Alternativa

Buenos Aires, outono de 1999

1. Resistir é criar

Contrariamente à posição defensiva mais frequentemente adoptada pelos movimentos e grupos de protesto e alternativos, acreditamos que a verdadeira resistência envolve a criação, aqui e agora, de ligações e formas alternativas por colectivos, grupos e indivíduos que, através de práticas concretas e militância pela vida, vão para além do capitalismo e da reacção.

A nível internacional, assistimos agora ao início de uma contraofensiva após um longo período de dúvida, de recuo e de destruição das forças alternativas. Este retrocesso foi largamente encorajado pela determinação da lógica neoliberal e capitalista em destruir muito do que cento e cinquenta anos de luta revolucionária tinham construído. Resistir significa criar novas formas e novas hipóteses teóricas e práticas que estejam à altura do desafio atual.

2. Resistir à tristeza

Vivemos numa época profundamente marcada pela tristeza, que não é apenas a tristeza das lágrimas mas, sobretudo, a tristeza da impotência. Os homens e as mulheres do nosso tempo vivem na certeza de que a complexidade da vida é tal que a única coisa que podemos fazer, se não quisermos aumentá-la, é submetemo-nos à disciplina do economicismo, do interesse próprio e do egoísmo. A tristeza social e individual convence-nos de que já não temos os meios para viver uma vida real e, por isso, submetemo-nos à ordem e à disciplina da sobrevivência. O tirano precisa da tristeza porque assim cada um de nós se isola no seu pequeno mundo, virtual e preocupante, tal como o homem triste precisa do tirano para justificar a sua tristeza.

Acreditamos que o primeiro passo contra a tristeza (que é a forma sob a qual o capitalismo existe nas nossas vidas) é a criação, sob várias formas, de laços concretos de solidariedade. Quebrar o isolamento e criar solidariedade é o início de um compromisso, de uma militância que já não trabalha "contra" mas "a favor" da vida e da alegria, através da libertação do poder.

3. A resistência é multiplicidade

A luta contra o capitalismo, que não pode ser reduzida à luta contra o neoliberalismo, implica práticas na multiplicidade. O capitalismo inventou um mundo

único e unidimensional, mas esse mundo não existe "em si mesmo". Para existir, precisa da nossa submissão e do nosso acordo. Este mundo unificado, que se tornou uma mercadoria, opõe-se à multiplicidade da vida, às dimensões infinitas do desejo, da imaginação e da criação. E opõe-se fundamentalmente à justiça.

É por isso que acreditamos que qualquer luta contra o capitalismo que pretenda ser global e abrangente fica presa na própria estrutura do capitalismo, que é, precisamente, a globalidade. A resistência deve partir e desenvolver multiplicidades, mas em caso algum deve seguir uma direção ou uma estrutura que globalize e centralize as lutas.

Uma rede de resistência que respeita a multiplicidade é um círculo que, paradoxalmente, tem o seu centro em todas as suas partes. Podemos relacionar isto com a definição de rizoma de Gilles Deleuze: "Num rizoma, entra-se por qualquer lado, cada ponto liga-se a qualquer outro, é feito de direcções móveis, sem exterior nem fim, apenas um meio, através do qual cresce e transborda, sem nunca ficar sob uma unidade ou derivar dela; sem sujeito nem objeto."

4. Resistir não é desejar o poder

Cento e cinquenta anos de revoluções e de lutas ensinaram-nos que, contrariamente à visão clássica, o lugar do poder, os centros de poder, são ao mesmo tempo lugares de pouco poder, ou mesmo de impotência. O poder está ligado à gestão e não tem qualquer possibilidade de mudar a estrutura social a partir de cima, se a força dos laços reais na base não o permitir. Assim, o poder é sempre distinto do poder. É por isso que fazemos uma distinção entre o que se passa "lá em cima", que é a gestão, e a política, no sentido nobre do termo, que é o que se passa "lá em baixo".

A partir de então, as resistências alternativas serão poderosas na medida em que abandonarem a armadilha da espera, ou seja, o mecanismo político clássico que adia invariavelmente o momento da libertação para "amanhã", para mais tarde. Os "mestres libertadores" exigem obediência hoje em nome de uma libertação que veremos amanhã, mas o amanhã é sempre amanhã, ou seja, o amanhã (o amanhã da espera, o amanhã do adiamento perpétuo, o amanhã do amanhã) não existe. É por isso que o que propomos aos mestres libertadores (comissários políticos, dirigentes e outros tristes militantes) é: libertação aqui e agora e obediência... amanhã.

5. Resistir à serialização

O poder mantém e desenvolve a tristeza apoiando-se na ideologia da insegurança. O capitalismo não pode existir sem serialização, separação e divisão. E a separação triunfa quando, pouco a pouco, as pessoas, os povos e as nações vivem numa obsessão de insegurança. Nada é mais fácil de disciplinar do que um povo de ovelhas

convencido de que é um lobo para os outros. A insegurança e a violência são reais, mas apenas na medida em que as aceitamos, isto é, na medida em que aceitamos a ilusão ideológica que nos faz acreditar que cada um de nós é um indivíduo isolado do resto e dos outros. O homem triste vive como se tivesse sido atirado para uma cena, sendo os outros figurantes. A natureza, os animais e o mundo seriam "utilizáveis" e cada um de nós o protagonista central e único das nossas vidas. Mas o indivíduo é apenas uma ficção, um rótulo. A pessoa, por outro lado, é cada um de nós na medida em que aceitamos que pertencemos ao todo substancial que é o mundo.

Trata-se de recusar os rótulos sociais de profissão, nacionalidade, estado civil, a divisão entre desempregados, trabalhadores, deficientes, etc., por detrás dos quais as autoridades tentam uniformizar e esmagar a multiplicidade que é cada um de nós. Porque somos multiplicidades misturadas e ligadas a outras multiplicidades. É por isso que o laço social não é algo a ser construído, mas sim algo a ser assumido. Os indivíduos e as etiquetas vivem e reforçam o mundo virtual, recebendo notícias da sua própria vida através do ecrã da sua televisão. A resistência alternativa implica trazer à existência a realidade dos homens, das mulheres e da natureza. Os indivíduos são tristes sedentários presos nas suas etiquetas e nos seus papéis; por isso, a alternativa implica assumir um nomadismo libertário.

6. Resistir sem mestres

Criar um tipo de vida diferente implica fundamentalmente criar formas alternativas de viver e de desejar. Se quisermos o que o mestre tem, se quisermos o que o mestre quer, estamos condenados a repetir as famosas revoluções, mas desta vez no sentido que o termo tem em física, ou seja, o de uma reviravolta completa. Trata-se de inventar e de criar concretamente novas práticas e imagens de felicidade. Se pensarmos que só podemos ser felizes à maneira individualista do mestre e exigirmos uma revolução que nos dê satisfação, estaremos eternamente condenados a não fazer outra coisa senão mudar de mestre. Porque não se pode ser verdadeiramente anti-capitalista e, ao mesmo tempo, aceitar as imagens de felicidade que esse mesmo sistema gera. Se quisermos "ser como o patrão" ou "ter o que o patrão tem", continuamos na posição de escravo.

Os caminhos da liberdade são incompatíveis com o desejo do senhor. Desejar o poder do senhor é o oposto de desejar a liberdade. E a liberdade é tornar-se livre, é uma luta. É precisamente da resistência que emergem outras imagens de felicidade e de liberdade, imagens alternativas ligadas à criação e ao comunismo (no sentido de liberdade e de partilha que este termo abrange, no sentido de uma exigência permanente e não como modelo de sociedade).

O que precisamos é de criar um comunismo libertário, não por necessidade, mas pelo prazer que a solidariedade traz. Não se trata de partilhar de uma forma triste, porque é necessário, mas de descobrir o prazer de uma vida mais plena e mais livre. Na sociedade da separação, a sociedade capitalista, os homens e as mulheres não encontram o que desejam; têm de se contentar em desejar o que encontram, como disse Guy Debord. A separação é, portanto, separação uns dos outros, separação de cada um de nós do mundo, do trabalhador do seu produto, mas ao mesmo tempo separação de cada um de nós de nós próprios, exílio de nós próprios. É esta a estrutura da tristeza.

7. A resistência e a política da liberdade

O sentido mais profundo da política está ligado às práticas emancipatórias, às ideias e às imagens de felicidade que delas derivam. A política é a fidelidade a uma procura ativa da liberdade. Em contradição com esta conceção da política está a "política" como gestão da situação tal como ela se apresenta. Mas este elemento, a que chamamos gestão, pretende ser o todo da política e dá prioridade ao limitar, refrear e institucionalizar as energias vitais que a ultrapassam. No entanto, a gestão é apenas um momento, uma tarefa, um aspeto.

A gestão é representação, e a representação enquanto tal é apenas uma parte do movimento real. Este último não precisa de representação para viver, ao passo que a representação tende a delimitar o poder da apresentação. A política revolucionária é a procura da liberdade em cada momento, não como algo essencialmente associado aos homens ou às instituições, mas como um processo permanente de devir que se recusa a ficar preso, fundido, "encarnado" ou institucionalizado. A busca da liberdade está ligada à constituição do movimento real, da crítica prática, do questionamento permanente e do desenvolvimento ilimitado da vida. Neste sentido, a política revolucionária não é o oposto da gestão. A gestão, como parte do todo, faz parte da política. Por outro lado, a gestão, na medida em que tende a ser o todo da política, é precisamente o mecanismo de virtualização que nos mergulha na impotência.

A política enquanto tal não é mais do que a harmonia da multiplicidade da vida em luta constante contra os seus próprios limites. A liberdade é a utilização das suas capacidades e do seu poder; a gestão é apenas um momento limitado e circunscrito em que essa utilização é representada.

8. Resistência e contra-cultura

Resistir significa criar e desenvolver contra-poderes e contra-culturas. A criação artística não é um luxo humano; é uma necessidade vital, mas a grande maioria das pessoas está privada dela. Na sociedade da tristeza, a arte foi separada da vida e, de facto, a arte está cada vez mais separada da própria arte, que é possuída e

corrompida pelos valores do mercado. É por isso que os artistas compreendem, talvez melhor do que a maioria, que resistir é criar. É também a eles que nos dirigimos, para que a criação possa vencer a tristeza, isto é, a separação, para que a criação se liberte da lógica do dinheiro e recupere o seu lugar no coração da vida.

9. Resistir à separação

Resistir significa também ultrapassar a separação capitalista entre a teoria e a prática, entre o engenheiro e o operário, entre a cabeça e o corpo. Uma teoria separada da prática torna-se uma ideia estéril. É assim que, nas nossas universidades, existe uma miríade de ideias estéreis, mas, ao mesmo tempo, as práticas que se separam da teoria estão condenadas a desaparecer com o desgaste, numa espécie de auto-reabsorção. Resistir significa, então, criar ligações entre hipóteses teóricas e práticas, para que todos aqueles que sabem fazer algo saibam também transmiti-lo àqueles que querem libertar-se. Desta forma, podemos criar as relações e os laços que tornam possíveis as teorias e as práticas da emancipação, virando as costas aos cantos de sereia que nos sugerem "cuidar da nossa vida", aos quais respondemos que a nossa vida não se reduz à sobrevivência, mas ultrapassa os limites da nossa pele.

10. Resistir à normalização

Resistir significa, ao mesmo tempo, desconstruir o discurso falsamente democrático que pretende preocupar-se com os sectores e as pessoas excluídas. Nas nossas sociedades, não há "excluídos"; estamos todos incluídos, de formas diferentes, mais ou menos indignas e horríveis, mas incluídos na mesma. A exclusão não é um acidente, não é um "excesso". Aquilo a que chamamos exclusão e insegurança é o que temos de ver como a própria essência desta sociedade amante da morte. É por isso que a luta contra os rótulos implica também o nosso desejo de entrar em contacto com as lutas daqueles a quem chamamos "anormais" ou "deficientes".

Dizemos que não existe um homem ou uma mulher "anormal" ou "deficiente", mas que existem pessoas diferentes e formas diferentes de ser. Os rótulos funcionam como mini-prisões onde cada um de nós é definido por um determinado nível de impotência. Mas nós estamos interessados no poder e na liberdade. Uma pessoa com deficiência só existe numa sociedade que aceita a divisão entre os fortes e os fracos. Rejeitar esta divisão, que não é mais do que barbárie, é rejeitar a grelha, a seleção inerente ao capitalismo. É por isso que a alternativa implica um mundo onde todos aceitam a fragilidade inerente ao fenómeno da vida e onde cada um desenvolve o que pode com os outros e para a vida. Quer seja a luta pela cultura surda, que saiu da prisão da taxonomia médica, quer seja a luta contra a psiquiatrização da sociedade, e tantas outras, longe de serem pequenas lutas por um pouco mais de espaço, são verdadeiras criações que enriquecem a vida. É por isso que convidamos também os grupos que lutam contra todos os aspectos da normalização médica e

social disciplinar a juntarem-se a nós na nossa resistência. O mesmo acontece com as formas de disciplinarização próprias dos sistemas educativos. Aqui, a normalização funciona como uma ameaça permanente de insucesso ou de desemprego. Por outro lado, existem experiências de escolarização paralelas, alternativas e diversificadas, nas quais os problemas associados à educação se desenvolvem segundo uma lógica diferente. Os deficientes, os desempregados, os reformados, as culturas marginais, os homossexuais - todas estas são classificações sociológicas que operam separando e isolando com base na impotência, no que não pode ser feito, tornando o múltiplo unilateral e pobre, o que pode ser visto como uma fonte de poder.

11. Resistir à retirada

Resistir significa também recusar a tentação de cair numa identidade que separa os "nacionais" dos "estrangeiros". A imigração e os fluxos migratórios não são um "problema", mas uma realidade profunda da humanidade desde tempos imemoriais e para sempre. Não se trata de ser filantropicamente "bom para os estrangeiros", mas de desejar a riqueza produzida pela fertilização cruzada. Resistir é criar laços entre os "sem", os sem teto, os desempregados, os indocumentados, os indignos, os sem terra, todos os "sem" que não têm a "cor de pele certa", a "orientação sexual certa", etc.: uma união de "sem", uma fraternidade de "sem". Uma união dos sem, uma fraternidade dos sem, não para estar "com" mas para construir uma sociedade onde os sem e os com já não existam.

12. Resistir à ignorância

As nossas sociedades, que se dizem culturas científicas, são na realidade, de um ponto de vista histórico e antropológico, o tipo de sociedade que produziu o maior grau de ignorância que a epopeia humana conheceu. Se em todas as culturas as pessoas possuíram técnicas, a nossa sociedade é a primeira a ser devidamente possuída pela tecnologia. 90% de nós é incapaz de saber o que acontece entre o momento em que carregamos no botão e o momento em que o efeito desejado é produzido. 90% de nós desconhecem a quase totalidade dos mecanismos e mecanismos do mundo em que vivemos. Como resultado, a nossa cultura produz homens e mulheres ignorantes que, sentindo-se exilados do seu ambiente, podem destruí-lo sem qualquer escrúpulo. A violência deste exílio é tal que, pela primeira vez, a humanidade é confrontada com a possibilidade real e concreta - e talvez inevitável - da sua destruição. Dizem-nos que, dada a complexidade da tecnologia, as pessoas devem aceitá-la sem a compreender, mas o desastre ecológico mostra que aqueles que julgam compreender a tecnologia estão longe de a dominar. Por isso, é urgente criar grupos, núcleos e fóruns de socialização do conhecimento, para que as pessoas possam voltar a ter uma posição no mundo real.

Hoje, a tecnologia genética coloca-nos no limiar da possibilidade de selecionar seres humanos segundo critérios de produtividade e de lucro. A eugenia, em nome do bem, desumaniza a humanidade. Dizem-nos que já podemos clonar um ser humano, e a nossa triste e desorientada humanidade não faz ideia do que é um ser humano... Estas são questões profundamente políticas que não devem ser deixadas nas mãos dos técnicos. Por outras palavras, o res-public não deve tornar-se res-técnico.

13. Resistência permanente

Resistir é afirmar que, contrariamente ao que se acreditava, a liberdade nunca será um ponto de chegada. Paradoxalmente, a esperança condena-nos à tristeza. A liberdade e a justiça só existem aqui e agora, nos e através dos meios que as constroem. Não existe um bom mestre ou uma utopia realizada. A utopia é o nome político da própria essência da vida: o devir permanente. É por isso que o objetivo da resistência nunca será o poder.

O poder e os poderosos estão condenados a não se afastarem demasiado daquilo que um povo deseja. Por isso, acreditar que o poder decide o que é real na nossa vida é sempre uma atitude de escravo. O homem triste, como dissemos, precisa do tirano. Não basta pedir aos homens do poder que promulguem esta ou aquela lei separada das práticas da base social. Não podemos, por exemplo, pedir a um governo que promulgue leis que dêem aos estrangeiros os mesmos direitos que a toda a gente se, no seio da base social, não estivermos a construir a solidariedade que acompanha essa lei.

O direito e o poder, se forem democráticos, devem refletir o estado da vida real na sociedade. Por conseguinte, o nosso problema não é o facto de o poder ser corrupto e arbitrário. O nosso problema e o nosso desafio é a sociedade que esse poder reflecte, por outras palavras, a nossa tarefa como homens e mulheres livres é assegurar a existência de laços de solidariedade, liberdade e amizade que realmente impeçam o poder de ser reacionário. A liberdade só pode ser encontrada em práticas de libertação.

14. Resistência é luta

A composição dos laços aumenta o poder, a separação capitalista diminui-o. A luta pela liberdade é, de facto, uma luta comunista para recuperar e aumentar o poder. O capitalismo, pelo contrário, opera por abstração, serialização e reificação, quebrando os laços e mergulhando-nos na impotência. É por isso que a luta pela liberdade e pela democracia é um processo permanente que nunca encontrará uma encarnação definitiva. A luta é sempre pelo poder, pela criação de laços, pela alimentação do desejo de liberdade em cada situação concreta.

15. A resistência dos trabalhadores

A resistência como criação obriga-nos também a refletir sobre a questão do "sujeito revolucionário", rompendo definitivamente com a visão marxista clássica da classe operária como "o" sujeito revolucionário, figura messiânica do historicismo moderno.

No entanto, contrariamente às afirmações de certos sociólogos da complexidade pós-modernos, a classe operária não tende a desaparecer, a função operária está simplesmente a deslocar-se e a mudar geograficamente. Assim, enquanto há menos trabalhadores nos países centrais, a produção deslocou-se para os países ditos periféricos, onde a exploração brutal de homens, mulheres e crianças garante lucros enormes às empresas capitalistas. E, nos países centrais, ao evocar a "insegurança", as classes trabalhadoras oferecem alianças nacionais para melhor explorar o Terceiro Mundo.

A produção capitalista é difusa, desigual e combinada. É por isso que a luta, a resistência, deve ser múltipla mas também unitária. Não existe uma libertação individual ou setorial. A liberdade só pode ser conjugada em termos universais, ou seja, a minha liberdade não acaba onde começa a do outro, mas a minha liberdade só existe sob a condição da liberdade do outro.

Embora não exista um sujeito revolucionário "per se", pré-determinado, existem, em todo o caso, múltiplos sujeitos revolucionários que não têm uma forma pré-definida ou uma encarnação definitiva. Assistimos hoje à emergência de coordenações, colectivos e grupos de trabalhadores cujas reivindicações vão muito além das lutas sectoriais. Estas lutas devem, no coração de cada singularidade, de cada situação concreta, ultrapassar a grelha do poder, isto é, recusar separar os empregados dos desempregados, os nacionais dos estrangeiros, etc. Não porque o empregado, o trabalhador ou o grupo de trabalhadores seja o único com emprego, mas porque é o único com emprego. Não porque o empregado, o nacional, o homem, o branco deva ser "caridoso" com o desempregado, o estrangeiro, a mulher, o deficiente, etc., mas porque qualquer luta que aceite e reproduza essas diferenças é uma luta que, por mais violenta que seja, respeita e reforça o capitalismo.

Mas a função do trabalhador está também a mudar numa outra direção: da fábrica clássica, enquanto espaço físico privilegiado para a constituição do valor, para a fábrica social, na qual o capital assume a tarefa de coordenar e subsumir todas as actividades sociais. O valor esbate-se em toda a sociedade, circulando através das múltiplas formas de trabalho. Como a acumulação capitalista se estende a toda a sociedade, pode ser sabotada em qualquer ponto do circuito por actos de insubordinação.

16. A resistência e a questão do trabalho

Parte da construção das hierarquias e classificações que nos são impostas resulta da confusão entre a divisão técnica do trabalho e a divisão social do trabalho. A noção de trabalho tem dois significados diferentes. Por um lado, é uma atividade antropológica ou ontológica que é constitutiva do homem, o conjunto das relações sociais que nos formam, na perspectiva materialista da sociedade e da história. Mas, por outro lado, o trabalho é esse dever alienante, essa escravatura moderna sob a qual o capitalismo nos separa em classes. É o trabalho que nos faz sofrer quando o temos e quando não o temos. Abolir o trabalho neste último sentido é realizar as possibilidades da ideia comunista libertária do trabalho no primeiro sentido.

As hierarquias que se baseiam na unidimensionalização da vida na questão do trabalho alienado, do emprego, são as que devem ser dissolvidas na abertura à multiplicidade dos saberes e das práticas de vida. De um ponto de vista ontológico, o trabalho, o conjunto das actividades que valorizam efetivamente o mundo (técnicas, científicas, artísticas, políticas) é, ao mesmo tempo, fonte de democratização radical e desafio definitivo e total ao capitalismo.

17. Resistir é construir práticas

Resistir não é sinónimo de ter opiniões. No nosso mundo, ao contrário do que se possa pensar, não existe "uma única forma de pensar", existem muitas ideias diferentes. Mas opiniões diferentes não implicam práticas verdadeiramente alternativas e, por conseguinte, essas opiniões são apenas opiniões sob o domínio do pensamento único, ou seja, da prática única. É preciso acabar com este mecanismo de tristeza, que faz com que tenhamos opiniões diferentes e uma prática única. Romper com a sociedade do espetáculo significa já não sermos espectadores da nossa própria vida, mas sim espectadores do mundo.

Atacar o mundo virtual, um mundo que precisa que estejamos todos em frente à televisão ao mesmo tempo para nos disciplinar e serializar, não é o mesmo que dizer como o mundo, a economia e a educação devem ser em abstrato. Resistir é construir milhões de práticas, núcleos de resistência que não se deixam aprisionar por aquilo a que o mundo virtual chama "seriedade". Ser verdadeiramente sério não é pensar globalmente e reconhecer a nossa impotência. Ser sério é construir, aqui e agora, as redes e os elos de resistência que libertam a vida deste mundo de morte. A tristeza é profundamente reacionária. Torna-nos impotentes. A libertação, no fim de contas, significa também a libertação dos comissários políticos, de todos esses tristes e amargos mestres libertadores. É por isso que resistir significa também criar redes que nos tirem deste isolamento.

Os poderes instituídos querem-nos isolados e tristes. É neste sentido que não reconhecemos o empenhamento como uma escolha individual. Todos nós temos um certo grau de empenhamento. Não existem "não activistas" ou "independentes". Estamos todos ligados. A questão é, por um lado, até que ponto e, por outro lado, em que lado da luta estamos empenhados.

18. Resistir é criar laços

É essencial refletir sobre as nossas práticas, pensá-las, torná-las visíveis, inteligíveis e compreensíveis. Ser capaz de concetualizar o que fazemos faz parte da legitimidade das nossas construções e contribui para a socialização do conhecimento entre todos nós: sermos nós próprios leitores, pensadores e teóricos das nossas práticas, sermos capazes de apreciar o valor do nosso trabalho para não sermos empobrecidos por leituras estandardizadas.

Este manifesto não é um convite para aderir a um programa e muito menos a uma organização. Convidamos simplesmente os indivíduos, grupos e colectivos que se sintam reflectidos por estas preocupações a entrarem em contacto connosco para que possamos começar a sair do nosso isolamento. Convidamo-los igualmente a fotocopiar e a difundir este documento por todos os meios ao vosso alcance.

Todos aqueles que desejarem fazer comentários, sugestões, etc., são bem-vindos. Comprometemo-nos a divulgá-las no seio da Rede de Resistência Alternativa. Não pretendemos criar um centro ou uma direcção e colocamos à disposição dos camaradas e amigos todos os contactos da Rede para que o diálogo e a elaboração de projectos não se façam de forma concêntrica.

19. Resistência e colectivos

Muitos dos nossos grupos ou colectivos têm publicações ou revistas. A rede se propõe a acumular e colocar à disposição de outros grupos esse conhecimento libertário que pode ajudar e potencializar as lutas dos outros. Centenas de lutas desaparecem por isolamento ou falta de apoio, centenas de lutas são obrigadas a começar do zero, e cada luta fracassada não é apenas uma "experiência", cada fracasso fortalece o inimigo. É por isso que precisamos de nos ajudar uns aos outros, de criar "retaguardas de solidariedade", para que todos no mundo que lutam à sua maneira, na sua situação, pela vida e contra a opressão possam contar connosco, tal como nós esperamos poder contar com eles.

O capitalismo não cairá do céu. É por isso que não existe um projeto pequeno ou grande quando se trata de construir alternativas.

Saudações fraternas a todos os nossos irmãos e irmãs da costa

Saudações dos piratas: ao contrário dos corsários, dos traficantes de escravos e dos mercantilistas dos mares, os piratas eram comunistas e criaram comunas livres nas costas onde paravam.

El Mate (Argentine),
Mères de la place de Mai (Argentine),
Collectif Amautu (Pérou),
Groupe Chapare (Bolivie),
Collectif Malgré Tout (Paris),
Collectif Che (Toulon),
Collectif Contre les Expulsions (Liège),
Centre Social (Bruxelles).

Boîte postale : C.C. 145, 1422 suc. 22 (B),
Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentine
(este contacto não parece estar atualizado...)

ce texte est aussi consultable en français :

- PDF par téléchargement, en cliquant ici (408 ko)

→ https://infokiosques.net/IMG/pdf/Manifeste_du_Reseau_de_Resistance_Alternatif.pdf